

ALERTA ■ Globalização de doenças, males crônicos e novas tecnologias demandam adaptações

Novos desafios da saúde mundial

REUTERS/CRISTINE GERK

Cristine Gerk

Doenças globalizadas, males crônicos, envelhecimento, novas tecnologias, custos elevados e pacientes que tentam “comandar” os tratamentos. No novo cenário da saúde mundial, os profissionais do setor precisam descobrir formas de se atualizar e modificar tendências perigosas ou poderão ser atropelados pelas mudanças.

— O número de pessoas com doenças crônicas, como diabetes e asma, aumentará 80% em países pobres e 40% nos ricos até 2015 — alerta Thomas D'Aunno, que ocupa a cadeira de Gestão em Saúde do Insead, na França. — Os médicos terão de virar educadores, porque estas são doenças por estilo de vida.

D'Aunno foi um dos especialistas reunidos no evento Saúde Business Forum, realizado na Bahia, para mapear desafios e apontar soluções para o setor.

As doenças crônicas consomem 45% dos recursos da saúde mundial. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, causam 60% das mortes. Se a tendência não for revertida, o número pode crescer 22% nos próximos oito anos, gerando gastos de US\$ 49,2 bilhões.

— A poluição, o sedentarismo e a má nutrição são os maiores inimigos — diz D'Aunno. — Além disso, com o envelhecimento da população, são necessários estabelecimentos que funcionem como lar e hospital em todos os estágios da velhice.

Para José Luiz Amaral, presidente da Associação Médica Brasileira, a campanha educacional tem de vir acompanhada de uma pressão externa, como incentivos no plano de saúde para quem emagrece e restrição de ambientes para fumo.

Alfredo Cardoso, diretor de normas e operações da Agência Nacional de Saúde Suplementar, pondera que gerenciar os males crônicos, evitando internações, é uma boa forma de reduzir custos. O foco é prevenir que a doença se manifeste e depois que se agrave.

Para D'Aunno, a globalização das doenças não se restringe à repetição de hábitos perigosos. Outro risco são as possíveis pandemias, como a da gripe das aves e a Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars).

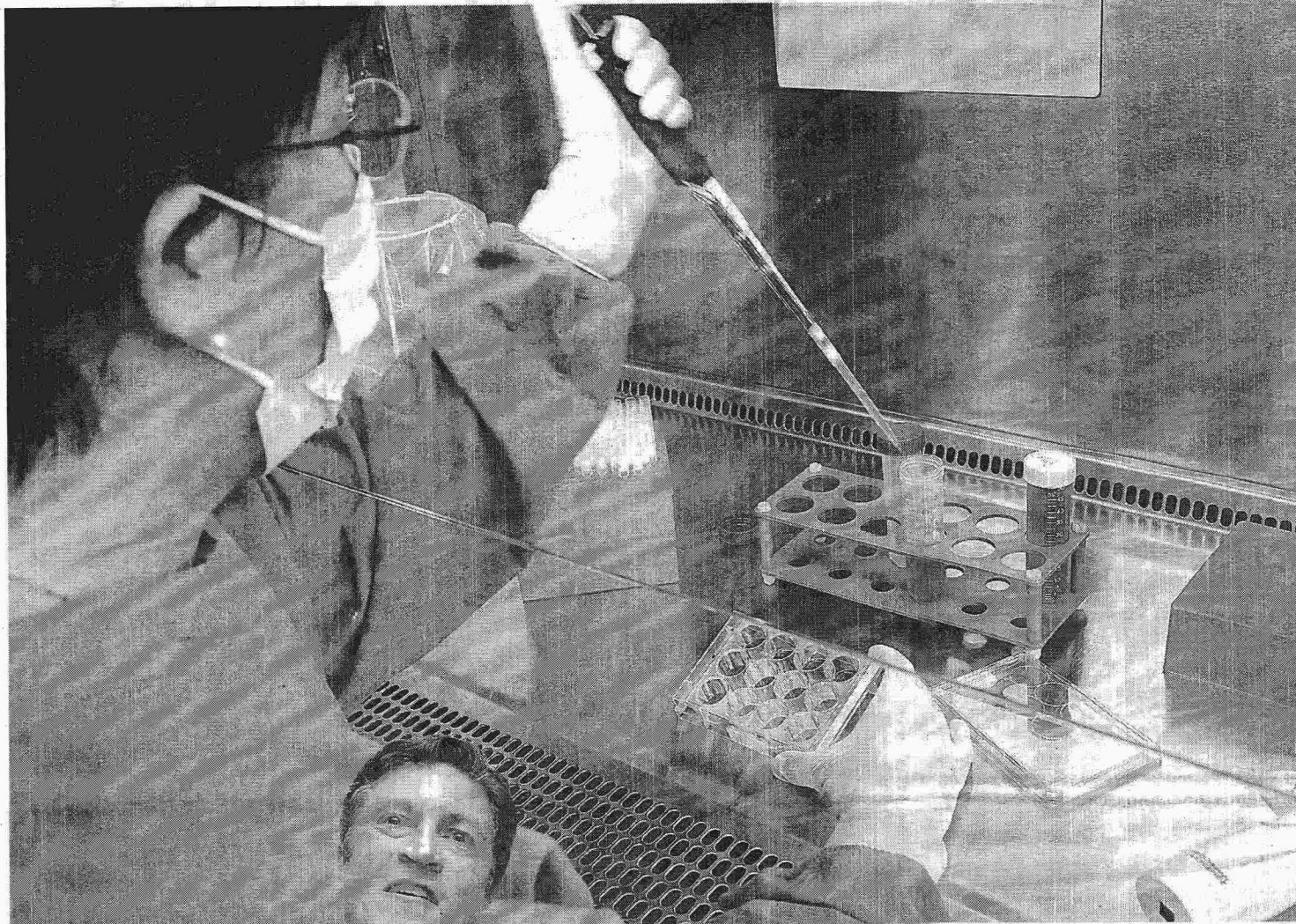
— As teleconferências, reuniões e as propagandas de indústrias farmacêuticas tendem a padronizar soluções. Se não forem as melhores, estamos em apuros — diz D'Aunno.

Para os especialistas, é preciso que haja integração entre as especialidades. Por exemplo, para tratar alguém com asma, o alergista deveria interagir com o clínico-geral e com um assistente social.

— Pacientes informados fazem boas perguntas, mas pensam que são especialistas. Os médicos têm de contornar isso — acrescenta.

Cresce o número de associações de pacientes que discutem problemas e soluções e sites com dados sobre doenças. Novas tecnologias, como a cirurgia robótica e por computador e os testes genéticos, ampliam as discussões, sobretudo por levantarem questões éticas.

— Os médicos resistem a perder tempo e dinheiro para estudar novos métodos, porque confiam nos antigos. Ter registros eletrônicos de suas atividades também assusta — conclui D'Aunno.



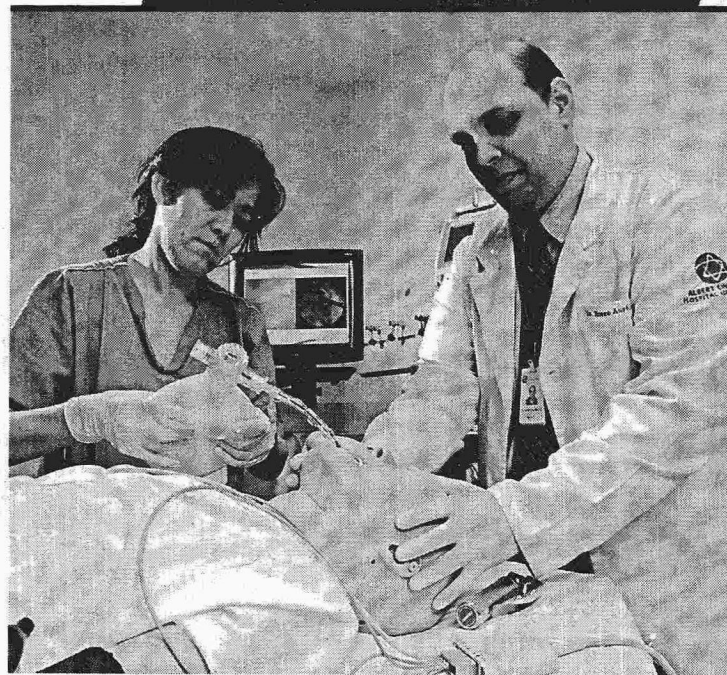
Para Thomas D'Aunno, que discursou no evento Saúde Business Forum, na Bahia, precisa haver mais integração entre as diferentes especialidades. Novas

“O número de pessoas com doenças crônicas, como diabetes e asma, aumentará 80% em países pobres e 40% nos ricos até 2015

Thomas D'Aunno, do Insead, na França

“Se pudéssemos personalizar o plano de saúde de acordo com os serviços usados e pagar um preço específico, mais pessoas teriam acesso

Eduardo Oliveira, presidente da Federação Brasileira de Hospitais



tecnologias ampliam discussões sobre ética no setor